

## **ESCOLA ABERTA E EDUCAÇÃO PARA A PAZ! BULLYING NUNCA MAIS!**

Coordenador: SUSANA CARDOSO

Autor: JUSSIMARA DE ALMEIDA ROCHA

1 INTRODUÇÃO Este texto é um dos frutos de minha participação como bolsista do Programa Conexões de Saberes, articulado com o Programa Escola Aberta. Trata-se de um Projeto em que estudantes da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, oriundos das classes populares, são selecionados e habilitados a desenvolverem oficinas dirigidas a "Leituração" e "Direitos Humanos", neste relato, detenho-me a apresentar a segunda temática, que desenvolve ações que incentivam a cultura para a paz. Estas oficinas são planejadas e posteriormente aplicadas nas Escolas que fazem parte do Programa Escola Aberta. Tal Projeto é financiado pela Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade (SECAD) do Ministério da Educação (MEC), em parceria com a UNESCO e se constitui em uma ação de extensão coordenada pelo Departamento de Educação e Desenvolvimento Social (DEDS) da Pró-Reitoria de Extensão da UFRGS, com coordenação geral da Vice-Pró-Reitora de Extensão, Susana Cardoso. O Programa Escola Aberta tem, por principal objetivo, oferecer aos alunos das escolas públicas e suas comunidades, espaços alternativos nos finais de semana, onde são desenvolvidas atividades de cultura, esporte, lazer, geração de renda, formação para a cidadania e ações educativas complementares. A inserção dos universitários nas escolas e suas comunidades, através deste programa, possibilita o diálogo entre os diferentes saberes, os populares e os oriundos da academia.

2 O DESAFIO DE ENCARAR OS FATOS E APRESENTAR PROPOSTAS Escolhemos para trabalhar nas oficinas de Direitos Humanos o tema "Bullying" dentro de uma proposta de Educação para a Paz. Bullying é uma palavra de origem inglesa que não foi traduzida para o português porque em nossa língua, não existe um termo capaz de expressar todas as situações que envolvem esta prática. Há em nosso vocabulário uma lista imensa de ações relacionadas ao bullying, seguem algumas delas: agredir, colocar apelidos, discriminar, isolar, ofender, amedrontar, dominar, assediar, humilhar, estigmatizar, ironizar, ameaçar, desmoralizar. Estes atos agressivos acontecem geralmente dentro das escolas, e tem sido uma das principais preocupações de pais, alunos e professores. Desenvolvemos nossa oficina, baseadas na história do livro "Que fazer? Falando de Convivência", de Liliana e Michele Iacocca (1993). Com o recurso de "contação com varal" , vamos apresentando personagens com as mais

diferentes características e aparências físicas, que vão desde uma criança que usa óculos, uma gordinha, uma vesga, uma careca, outras representando diferentes raças, procurando demonstrar e valorizar a diversidade. Estes personagens levantam questionamentos que fazem com que as crianças reflitam sobre situações conflituantes, como o preconceito, colocação de apelidos, humilhações, intimidações, agressões, assédios e outras. Estas situações são representadas através de desenhos juntamente com a pergunta: "O que você faria se...", fazendo com que os participantes "se coloquem no lugar do outro", pensando em como se sentiriam ou se sentem no lugar de vítimas. Dando continuidade à história do livro, fazemos uma pequena retrospectiva histórica acerca dos conflitos vividos na sociedade ao longo do tempo, apontando também alguns personagens que falaram e exemplificaram a paz em nosso planeta. Logo a seguir, novos personagens aparecem pedindo e dando sugestões sobre o que cada um pode efetivamente fazer para ser, viver e conviver ainda mais feliz - Frase esta que dá nome à oficina. Para finalizar apresentamos para os participantes o livro - "Declaração Universal dos Direitos Humanos" - adaptado por Ruth Rocha, para as crianças (1988), falando e citando alguns tópicos do seu conteúdo, demonstrando a forma que os homens encontraram de registrar os acordos de melhor convivência após tantos conflitos, desentendimentos e sofrimentos pelos quais passou a humanidade ao longo da história. Selando então um acordo de paz entre os participantes, propomos que cada criança reflita sobre o respeito às diferenças e que reconheça nelas a grandeza de se ser um sujeito único, especial e belo. A partir disso, pedimos que cada um produza, através do desenho, o seu auto-retrato, demonstrando cada característica, tentando ser o mais fiel possível a sua representação. Como resultado temos uma produção de desenhos que demonstram alguns dos principais resultados pretendidos na elaboração desta oficina, o respeito às diferenças e auto-estima e auto-imagem realmente em alta! É através dos diálogos que tecemos no decorrer e no final das atividades que podemos ter uma noção do que tem representado nossa proposta para os participantes. É como me disse entusiasmada uma menina, numa destas conversas: "Quando respeitamos as pessoas e tentamos fazer pros outros, só coisas legais, estamos officinando por um mundo melhor, né tia?". Manifestações como esta têm demonstrado que os resultados de nossas oficinas não poderiam ser mais satisfatórios.

### 3 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Quando decidimos tratar de um tema como o bullying, sabíamos da premência de levantar tal questão nas escolas, sobretudo com os alunos das séries iniciais. Constatamos durante o decorrer do trabalho, através do brilho nos olhos, nas confidências trocadas, nas falas e escutas, o quanto este tema foi capaz de mexer com as crianças. Percebemos que muitas viram nesta oficina uma oportunidade única de

falar sobre suas vivências e expressar seus sentimentos. Nos relatos que ouvimos em diferentes escolas observamos o quanto os estudantes carecem de espaços onde se sintam seguros para ponderar sobre os problemas de convivências, sem serem acusadas de delatores ou parecerem frágeis e indefesos. Verificamos que falar sobre ação e reação possibilitou a todos nós envolvidos nas oficinas, momentos preciosos de reflexão e aprendizado. Como relatado ao longo desta escrita, o diálogo entre os saberes acadêmicos e os populares se deu de forma ao mesmo tempo natural e surpreendente, a ponto de não sabermos mais quem, neste projeto, foi mais beneficiado, "oficinandos" ou "oficineiros". Ao finalizar esta etapa do trabalho, ficou muito evidente que, como nos assegura Lauro Monteiro (2006), ao selecionar escolas para seus filhos, os pais precisam evitar as que afirmam não existir bullying entre seus alunos, pois, a partir deste princípio constata-se que, ou não conhecem o tema ou conhecem e não desenvolvem nenhum programa para evitá-lo. Não basta que saibamos que a violência aumenta dia a dia nas escolas e simplesmente apresentarmos uma visão simplista da questão. Não podemos mais, de forma alguma nos isentar da responsabilidade de educarmos nossas crianças de forma integral. Perdemos muito tempo em discussões sobre "de quem é a responsabilidade?". Nossos alunos cresceram esperando esta resposta, e, conseqüentemente, com eles cresceu esta grande lacuna - a formação humana - que tem a ver com a compreensão, respeito ao outro e às diferenças, honestidade, justiça, ética, enfim a educação para a convivência desejada por todos e todas. Desta forma, mais do que nunca, escola, família, comunidade, sociedade e Estado precisam buscar juntos, alternativas que se prestem a tratar também destas questões tão importantes.